

**Boletim**  
**Estudos**  
**Clássicos**



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

## HINO HOMÉRICO A PÃ. TRADUÇÃO E RECOLHA DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS\*

ΣΩ. Ω φίλε Πάν τε καὶ ἄλλοι ὅσοι τῆδε θεοὶ, δοίητέ μοι καλῶ  
γενέσθαι τάνδοθεν· ἔξωθεν δ' ὅσα ἔχω, τοῖς ἐντὸς εἶναί μοι φίλια...

“Ó bem amado Pã e quantas divindades habitais este lugar concedei-me a  
beleza interior. Que tudo o que é exterior viva em mim em harmonia com o interior...”

(*Platão, Fedro 279c*, tradução de J. Ribeiro Ferreira)

Propomo-nos, com o presente trabalho, fazer um breve apanhado das  
características linguísticas do hino a Pã, n.º XIX dos Hinos Homéricos,  
centrando-nos sobretudo - embora não taxativamente - na sua base fortemente  
homérica.

### O Deus Pã

Diversos autores atestam o seu culto na região da Arcádia já desde  
finais do século VI; Dioniso de Halicarnasso afirma mesmo tratar-se de um  
culto ainda mais antigo (I.32). Embora desconhecendo o autor do hino, bem  
como a sua data precisa e a sua origem<sup>1</sup>, sabemos no entanto que, na época  
arcaica, a única região onde o deus era legalmente reconhecido, mesmo com  
honras de deus principal, era a Arcádia (Pausânias VIII 37, 11; Píndaro Fr. 95  
Snell). As festas dedicadas a Pã terão sido, muito provavelmente, o culto

---

\* Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Linguística Grega, sob a  
orientação da Doutora Maria Teresa Schiappa de Azevedo.

<sup>1</sup> É possível que os hinos, ou grande parte deles, sejam fruto da poesia oral que  
tomava parte nos diversos concursos dos festivais, nomeadamente, nas competições  
das Panateneias. Já desde o século VI a.C., sazonalmente, se representava poesia  
homérica nos festivais (segundo Pseudo-Platão, *Hiparco* 228b-c, por ordens de  
Hiparco, descendente dos Pisístratos). Das actuações dos rapsodos e das suas técnicas  
de mnemónica, terão surgido os *corpora* dos Poemas Homéricos, modificados ainda  
ao longo dos tempos (Vide G.Nagy, “Homer and Plato at the Panathenaia”, in T.  
Falkner et alii, *Contextualizing Classics, Ideology, Performance, Dialogue*, Oxford,  
1999, pp. 123-150).

primitivo que deu origem às festas de Zeus Liceu (Pausânias VIII 38, 5). Do século V em diante, a sua presença é uma constante em todo o mundo grego, como por exemplo na Ática<sup>2</sup>, onde o culto terá sido introduzido após a batalha de Maratona, segundo nos conta Heródoto (6.105). Uma introdução divina que se terá baseado na adaptação do culto aos rituais já existentes: Pã é recebido como deus ξένος, como acontece com o vento Bóreas<sup>3</sup>, com Asclépio, deus da medicina, ou com Cíbele, muitas vezes conotada com Pã<sup>4</sup>, – e passa a acompanhar o culto das Ninfas<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> A introdução de Pã na Ática gera entre os estudiosos opiniões contrárias, já que, por exemplo, o *Fedro* platónico não permite situá-la antes do séc. IV; A. Purvis, baseando-se em estudos da famosa gruta de Vari, a cargo do ninfolepto Arquedamo de Thera, assegura que a recepção de Pã pelas Ninfas terá ocorrido somente em meados do século IV a.C., mediante a datação das figurinhas de barro, potes, vasos e dos altares a Pã e a Hermes aí encontrados. Não há certezas da identificação de um altar a Pã, visto não existirem quaisquer inscrições desse lado da gruta. Nas restantes paredes, pelo contrário, pululam inscrições, muitas assinadas pelo próprio Arquedamo, decorador da gruta, um *outsider* agradecido pelo refrigério que as Ninfas lhe haviam proporcionado: às Ninfas atribuíu-se o papel de oferecer hospitalidade aos viajantes, e.g. *Odisseia*: 13.103-112 e 17.205-211 (A. Purvis, *Singular Dedications, founders and Innovators of Private Cults in Classical Greece*, New York, 2003, especialmente pp.33-63). A análise da gruta de Vari está na base de um conhecido artigo de W.R. Connor sobre a ninfolepsia, “Seized by the Nymphs, Nympholepsy and Symbolic Expression in Classical Greece”, in *Classical Antiquity*, VII.2 (1988) especialmente 166-174.

<sup>3</sup> Como assinala R.Parker, “Of these commemorative cults, some probably remained just that, and faded away in time, while others cut loose from the occasion of the foundation, acquired new functions, and survived: Boreas’ shrine perhaps fell into neglect, while Pan, as we have seen, found a new niche with the Nymphs and lived on” (“New Gods”, *Athenian Religion: a history*, Oxford, 1996, pp.186-187). Sobre a introdução de deuses e cultos estrangeiros na Ática, veja-se a obra citada, capítulo “New Gods”, pp.152-198.

<sup>4</sup> Cf. R.Parker, *ibidem*, p. 167: “He is associated, by Pindar and in votive reliefs, with Cybele, another dangerous figure of the wild whose cult is, none the less, ecstatic and delightful. Dancing, noise, clapping, laughter characterize his worship”. Em diversas grutas existentes e dedicadas ao culto das Ninfas e de Pã, existem estátuas de figuras femininas que alguns estudiosos acreditam representar Ártemis ou a deusa Cíbele. Cf. também A. Purvis, *op.cit.*, p.36.

Sobre o nascimento de Pã, existem variadas lendas, sendo a mais completa e tradicional a do hino homérico a ele dedicado, que o apresenta como filho de Hermes e de uma ninfa cujo nome não nos é dito, filha de Dríope, por sua vez filha de Apolo. Não obstante, Epiménides, fr. 16 Diels-Kranz, apresenta Calisto, deusa da Arcádia, como mãe de Pã; numerosas fontes o associam também a Penélope, deusa e ninfa, confundida por muitos com a mulher de Ulisses; outras ainda falam em Apolo, Cronos e mesmo Zeus como seu pai; Teócrito, numa posição à parte, *Fistula I-2*, descreve o deus como um ser solitário, nascido da terra<sup>6</sup>.

Embora o seu nome deva ligar-se etimologicamente ao latim *pascere* e *pastor*<sup>7</sup> desde o início que os testemunhos literários o associam ao pronome πᾶς, πᾶσα, πᾶν já que o deus, ainda pequenino no colo do pai, fez rir todos os deuses do Olimpo, como o mesmo hino testemunha (v.47).

Pã é também o representante da natureza selvagem, um deus campestre, meio homem e meio animal. Não obstante, a esta imagem tradicional de Pã – Πάν αἰπόλος ou νόμιος, o deus pastor – vem sobrepor-se outra, mais elaborada, que Platão divulga no *Crátilo*: o filho de Hermes é “a linguagem em si ou o irmão da linguagem” (καὶ ἔστιν ἦτοι λόγος ἢ λόγου ἀδελφὸς ὁ Πάν, εἴπερ Ἑρμοῦ υἱὸς ἔστιν, *Crátilo* 408c-d). É nesse contexto também que, no *Fedro* (263 d5-6), Sócrates faz de Pã a fonte de inspiração do seu discurso: as Ninfas, filhas de Aquelôo e Pã, filho de Hermes, são para o filósofo τεχνικότεροι... πρὸς λόγους. Pã é portanto associado à eloquência, daí que seja uma das divindades a quem Platão, segundo a lenda, terá sido consagrado no Monte Himeto, ainda bebé (Vide Olimpiodoro, *Comentário ao Alcibíades Maior*, 1.24-27).

Alguns autores associam ainda Pã ao pânico e ao terror, fenómeno de πανόληπτος: o deus faria terrível uso do seu poder para persuadir e tentar

---

<sup>5</sup> Nem todos os autores concordam com esta interpretação de R.Parker. Veja-se e.g. os argumentos, em contrário, desenvolvidos por N. F.Jones, *Rural Athens under Democracy*, Philadelphia, 2004, especialmente pp. 183-185.

<sup>6</sup> Para estas variantes mitológicas, vide F. Càssola, *Inni omerici*, Roma, 1975, nota 1, p.573 e P. Grimal, *Dicionário da mitologia grega e romana*, Lisboa, 1999, pp. 345-346.

<sup>7</sup> Vide N. Jones, *ibidem*, p.185; contudo, P. Chantraine não parece inclinar-se para esta hipótese (vide P. Chantraine, *Dictionnaire étimologique de la langue grecque*, Paris, 1968, s.u. πᾶν).

consumar alguns favores sexuais e, em determinadas batalhas, fazer recuar o inimigo<sup>8</sup>.

### Texto grego e tradução<sup>9</sup>

#### ΕΙΣ ΠΑΝΑ

Ἄμφί μοι Ἑρμείῳ φίλον γόνον ἔννεπε, Μοῦσα,  
 αἰγίπόδην, δικέρωτα, φιλόκροτον, ὅς τ' ἀνά πίσῃ  
 δενδρήεντ' ἄμυδις φοιτᾶ χοροθήσει νύμφαις,  
 αἶ τε κατ' αἰγίλιπος πέτρης στείβουσι κάρηνα  
 Πᾶν ἀνακεκλόμεναι νόμιον θεὸν ἀγλαέθειρον, 5  
 αὐχμήενθ', ὅς πάντα λόφον νιφόεντα λέλογγε  
 καὶ κορυφᾶς ὀρέων καὶ πετρήεντα κέλευθα.  
 Φοιτᾶ δ' ἔνθα καὶ ἔνθα διὰ ῥωπήϊα πυκνὰ,  
 ἄλλοτε μὲν ῥείθροισιν ἐφελκόμενος μαλακοῖσιν,  
 ἄλλοτε δ' αὐτὴν πέτρησιν ἐν ἠλιβάτοισι διοιχνεῖ, 10  
 ἀκροτάτην κορυφὴν μηλοσκόπον εἰσαναβαίνων.  
 πολλάκι δ' ἀργινόεντα διέδραμεν οὔρεα μακρὰ,  
 πολλάκι δ' ἐν κημοῖσι διήλασε θήρας ἐναίρων,  
 ὄξεα δερκόμενος· τότε δ' ἔσπερος ἔκλαγεν οἶον<sup>10</sup>  
 ἄγρης ἐξανιών, δονάκων ὑπο μούσαν ἀθύρων 15  
 νηδυμον· οὐκ ἂν τόν γε παραδράμοι ἐν μελέεσσιν  
 ὄρνις, ἧ τ' ἔαρος πολυανθέος ἐν πετάλοισι  
 θρῆνον ἐπιπροχέουσ' ἀχέει μελίγηρυν αἰοιδῆν.  
 Σὺν δέ σφιν τότε Νύμφαι ὀρεστιάδες λιγύμολποι  
 φοιτῶσαι πυκνὰ ποσσὶν ἐπὶ κρήνη μελανύδρω 20

<sup>8</sup> Vide R. Parker, *op. cit.*, p.167: “Representation of wild Pan has two aspects. Fear and danger are certainly in it; but so too are liberation and desire”. Para mais alusões aos múltiplos significados do nome πάν cf. mais adiante, nota 12.

<sup>9</sup> Adoptámos o texto fixado por G. Zanetto na edição italiana dos *Hinos Homéricos (Inni omerici)*, Milano, 2000).

<sup>10</sup> Nos *codici* aparece-nos com espírito áspero οἶον. Peppmüller corrigiu para o advérbio οἶον (somente, apenas), enquanto que outros autores optam pela utilização do adjectivo οἶος (solitário, sozinho). Veja-se o aparato crítico de F. Càssola (*Inni omerici*, p.366) e a defesa da correcção adoptada no texto em G. Zanetto, *Inni omerici*, nota 3, p.303.

μέλπονται· κορυφήν δὲ περιστένει οὐρεος ἤχῳ.<sup>11</sup>  
 δαίμων δ' ἔνθα καὶ ἔνθα χορῶν, τότε δ' ἔς μέσον ἔρπων  
 πυκνὰ ποσὶν διέπει, λαΐφος δ' ἐπὶ νῶτα δαφιοινὸν  
 λυγκὸς ἔχει, λιγυρῆσιν ἀγαλλόμενος φρένα μολπαῖς,  
 ἐν μαλακῷ λειμῶνι, τόθι κρόκος ἦδ' ὑάκινθος 25  
 εὐώδης θαλέθων καταμίσγεται ἄκριτα ποίη.  
 ὕμνευσιν δὲ θεοὺς μάκαρας καὶ μακρὸν Ὀλυμπον.  
 Οἷόν θ' Ἑρμείην ἔριούνιον ἔξοχον ἄλλων  
 ἔννεπον, ὡς ὁ γ' ἅπασι θεοῖς θεὸς ἄγγελός ἐστι.  
 Καὶ ῥ' ὁ γ' ἔς Ἀρκαδίην πολυπίδακα, μητέρα μῆλων, 30  
 ἐξίκετ', ἔνθα τέ οἱ τέμενος Κυλληνίου ἐστίν.  
 ἔνθ' ὁ γε καὶ θεὸς ὦν ψαφαρότριχα μῆλ' ἐνόμειεν  
 ἀνδρὶ πάρα θνητῷ· θάλε γὰρ πόθος ὑγρὸς ἐπελθὼν  
 ὑμφῆ εὐπλοκάμῳ Δρύοπος φιλότῃ μιγῆναι·

<sup>11</sup> Segundo R. Germany (“The Figure of Echo In the Homeric Hymn to Pan”, *American Journal of Philology*, 126.2 [2005] 187-208), será neste hino que se realiza a primeira aparição da ninfa Eco, ainda que de uma forma velada, pois tanto poderá representar a personificação da ninfa como o substantivo comum (de acordo com a interpretação, alguns editores escrevem o substantivo com maiúscula, outros com minúscula, como é o caso de Zanetto). A ligação de Pã à Ninfa Eco, leva-nos à mitologia e aos amores desencontrados do deus desafortunado. Pã, como se costuma dizer, era azarado no amor: as suas paixões descontrolavam-no, ao ponto de perseguir as jovens ninfas e mesmo os rapazinhos para tentar, por via da força, acalmar os seus intensos desejos sexuais, o que raramente sucedia. Salvo raras exceções, Pã permanecia sempre afundado em plena frustração. Para R. Germany, o eco aparece como fenómeno acústico, mas também estruturante do ponto de vista artístico, sublinhando as múltiplas repetições, quer de palavras ou locuções, quer de sons em outras palavras parecidas.

Assim, nos dois primeiros versos, que apresentam duas locuções quase homófonas,

Ἄμφι μοι Ἑρμείῳ φίλον γόνον ἔννεπε, Μοῦσα,  
 αἰγιόπηδην, δικέρωτα, φιλόκροτον, ὅς τ' ἀνά πίση,  
 ou a repetição do verbo nos dois versos que encerram o hino  
 καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε, ἀναξ, ἴλαμαι δέ σ' αἰοιδῆ·  
 αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σείο καὶ ἄλλης μνήσομ' αἰοιδῆς.

Podemos ainda remeter para os versos 9-13, que apresentam anáforas iniciais, e para o verso 47, que combina o acusativo Πᾶνα (única forma que possui acento perisprómeno) com o dativo plural do pronome, πᾶσιν.



Entre pétalas de uma Primavera florida,  
Espalha o seu lamento e entoa uma canção doce como o mel.

Então, acompanhando-o no canto, as Ninfas das montanhas,  
[de voz melodiosa,

Movem-se saltitando junto à fonte de águas negras

E o eco enche em redor o cume das montanhas.

O deus, dançando de um lado para outro, ora serpenteia

[até ao meio da roda

Ora a atravessa saltitando, às costas uma pele de lince

Ensanguentada, deleitando o seu espírito com cantos melodiosos

Na doçura do prado, onde o açafraão e o jacinto

Perfumados florescem, misturados indistintamente na erva.

Celebram eles os deuses bem-aventurados e o grandioso Olimpo,

E bem assim Hermes, o benfazejo, superior aos demais.

Cantavam como era o veloz mensageiro de todos os deuses,

Como ele tinha chegado à Arcádia de numerosas

[fontes, mãe de rebanhos,

Onde estava o seu templo de senhor de Cilene.

Aí, embora sendo um deus, apascentou ovelhas de lã felpuda

Ao serviço de um mortal. Um desejo avassalador apoderara-se dele:

Unir-se em amor à ninfa de belas tranças, a filha de Dríope.

Ela consumou a união na flor da idade e deu à luz,

Nos seus aposentos, um filho querido a Hermes,

[de aspecto prodigioso:

Pés de bode, chifrudo, amigo do ruído e de riso agradável.

Mas ela ao amamentá-lo, fugiu de rompante: abandonou

[pois o bebé<sup>13</sup>,

Pelo medo que teve ao ver-lhe a face agreste e barbuda.

E logo Hermes, o benfazejo, tomando-o nos seus braços

O acolheu, alegrando-se imensamente no seu espírito divino.

<sup>13</sup> Traduzimos τίθηνη – o termo homérico para τροφός – por “ao amamentá-lo”. Alguns autores supõem que o sujeito de φεύγε, “fugir”, seria a mãe e o de λίπεν, a ama. Mas deste modo não se compreenderia ἄρα, “portanto”, “pois”, com sentido conclusivo.



De imediato dirigiu-se à morada dos imortais, resguardando a criança  
 Em espessas peles de lebre das montanhas.  
 Sentando-se junto de Zeus e dos restantes imortais,  
 Mostrou-lhes o seu bebé. Todos eles então, os imortais, se alegraram  
 Em seu coração, sobretudo Dioniso, o deus Baco<sup>14</sup>.  
 E deram-lhe o nome de Pã porque a *todos*<sup>15</sup> deleitou em seu espírito.

Assim eu te saúdo, senhor, e te propicio com o meu canto.  
 Assim pois<sup>16</sup>, de ti me hei-de lembrar noutro canto.

### Comentário Linguístico

#### A - O fundo eólico

Concordamos com P. Chantraine, quando afirma que “la langue homérique est l’aboutissement d’une longue histoire et présente un mélange de formes diverses impliquées les une dans les autres (...) la langue a dû présenter un mélange inextricable de dialectes, “achéen”, éolien et ionien surtout: au cours de l’histoire du texte des formes ioniennes ont tendu à

<sup>14</sup> O adjectivo Βακχῆϊος é um dos epítetos do próprio deus Dioniso, sobretudo em poesia, mas designa ainda o adorador de Baco, bem como qualquer indivíduo inspirado, cf. P. Chantraine, *Dictionnaire Étymologique*, p.159. O passo documenta a associação que posteriormente se vai fazer entre Pã e Dioniso (vide J. S. Bruss et alii, *Brill’s New Pauly, Encyclopaedia of the Ancient World*, X, 2007, pp. 419-422).

<sup>15</sup> A origem do nome do deus Pã conduz-nos a uma acesa discussão acerca dos seus diferentes sentidos, já que a existência do seu nome, numa forma ainda não contracta e talvez originária da Arcádia, o dativo Πάονι, remonta já ao século VI a.C. De Πάν (gen. Πανός) provêm o adj. πανικός “terrífico” e o v. πανεύω, “agir como Pã” (P. Chantraine, *Dictionnaire étymologique*, p.855). Segundo o hino, a origem do nome da divindade é clara: o bebé divertiu todos os deuses, daí a associação que alguns autores e estudiosos fazem com πᾶς “todo”.

<sup>16</sup> Ἀὐτάρ, v. 49: trata-se de uma partícula confinada sobretudo à poesia épica; nos restantes casos, utiliza-se somente ἄτάρ. Homero usa ora uma ora outra, consoante a conveniência métrica. A partícula poderá ser traduzida com sentido adversativo, progressivo ou ainda como conector. Na Ática, era utilizada para introduzir uma ideia completamente oposta, uma mudança de assunto (cf. D. Denniston, *The Greek Particles*, Oxford, 1970, p.55). Para a repetição do final dos dois versos, cf. *supra* n.11.

remplacer des formes éoliennes, enfin des traits attiques, le plus souvent superficiels, sont venus s'ajouter"<sup>17</sup>.

Embora a base linguística da linguagem homérica seja o dialecto iónico, existem numerosos testemunhos a comprovar um fundo eólico mais antigo<sup>18</sup>. Entre eles podemos assinalar no presente hino:

### 1. Vocalismo α em vez de η

Como é sabido, o iónico-ático distingue-se da generalidade dos outros dialectos pela passagem de α longo a η (tendência que regride no ático depois de ρ, ε, ι). A manutenção de α longo surge num único exemplo ao longo de todo o hino: o genitivo Ἑρμείο do v.1. Note-se ainda a forma não contracta que documenta a junção de ο do genitivo singular masculino (\*-οο) à palavra de tema em -α. A forma contraída pode ver-se no dórico Ερμᾶ > Ἑρμα-ο, igual à forma do texto, mas sem o iode intervocálico. Ἑρμείας, -αο, a forma do texto, corresponde a Ἑρμηῆς, -οῦ/-έω no iónico-ático, também com queda do iode e passagem do α longo a η. Há numerosos exemplos idênticos em Homero, e.g., P. Chantraine, *Grammaire homérique*, §§8-9.

### 2. Manutenção da antiga desinência -ντ, de 3ª pessoa do plural

A forma da 3ª pessoa do plural do aoristo passivo de τέρπω verifica-se em ἔτερφθεν (v.45) por ἐτέρφθησαν. A desinência -σαν é uma inovação iónico-ática da conjugação atemática nas formas secundárias, especialmente Imperfeito e Aoristo do Indicativo, grupo a que pertencem os aoristos passivos em -θη-/-η-. Os falantes terão introduzido a desinência -σαν, partindo muito provavelmente da 3ª pessoa do plural do aoristo sigmático. A desinência inicial -ντ, idêntica à do Latim, que se mantém na generalidade dos dialectos (com apócope de -τ), foi substituída no iónico-ático por -σαν provavelmente a partir de um falso corte fonético da 3ª pessoa do plural do aoristo sigmático (ἔλυ / σαν). A desinência secundária -ντ representada em ἔτερφθεν deverá representar uma reminiscência do velho fundo eólico (vide P. Chantraine, *Morphologie historique du grec*, Paris, 2002, §352-353).

### 3. Dativos plurais em -εσσι / -εσι

O sufixo -σιν, comum à maior parte dos dialectos, no dativo plural da 3ª declinação, pertencia originalmente ao locativo. Este dativo conhece uma

17 Cf. P. Chantraine, *Grammaire homérique*, Paris, 1948, Avant-Propos, p.1.

18 *Idem, ibidem*, em especial §9.

variante com geminada a partir dos temas em dental: uma dental final ou  $-\sigma$  em contacto com o  $-\sigma\iota$  dá origem a  $-\sigma\sigma\iota$ , que pode ser reduzido a um só  $\sigma$ , como em  $\pi\omicron\sigma\acute{\iota}$  ou  $\pi\omicron\sigma\sigma\acute{\iota}\nu$  (vv.20-23). No eólico, contudo, surge uma nova forma da desinência,  $-\epsilon\sigma\sigma\iota$  ou  $-\epsilon\sigma\iota$ , também resultante de um falso corte fonético dos temas em  $-\sigma$ :  $\gamma\epsilon\nu-\epsilon\sigma\sigma\iota$  (P. Chantraine, *Morphologie*, §57). Esta desinência tinha a vantagem de manter visível o tema de base, em formas como  $\pi\acute{o}\delta\epsilon\sigma\sigma\iota$  (atestada em Safo, por exemplo). Curiosamente, esta desinência estendeu-se aos próprios temas em  $-\sigma$ , originando formas como  $\gamma\epsilon\nu\acute{\epsilon}-\epsilon\sigma\sigma\iota$  ou  $\gamma\epsilon\nu\acute{\epsilon}-\epsilon\sigma\iota$  (át.  $\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\sigma\iota$ ). Embora tendo-se divulgado noutros dialectos, esta nova desinência é entendida como caracteristicamente eólica e encontramos-la documentada no texto:  $\mu\epsilon\lambda\acute{\epsilon}\epsilon\sigma\sigma\iota\nu$ , v.16. Note-se que o uso simultâneo deste conjunto de desinências,  $-\sigma\iota$ ,  $-\epsilon\sigma\sigma\iota$ ,  $-\epsilon\sigma\iota$ , quadrava especialmente à linguagem homérica e à linguagem poética em geral, dadas as opções métricas que permitia.

## B - Ionismos

Como principais características do iónico, podemos referir:

1. A passagem de  $\bar{\alpha}$  a  $\eta$ , mesmo após os fonemas  $[\rho, \epsilon, \iota]$  como acontece com  $\pi\acute{\epsilon}\tau\tau\eta$ ,  $-\eta\varsigma$  (v.4) no lugar de  $\pi\acute{\epsilon}\tau\tau\alpha$ ,  $-\alpha\varsigma$  ou  $\acute{\alpha}\gamma\eta$ ,  $-\eta\varsigma$  (v.15) no lugar de  $\acute{\alpha}\gamma\alpha$ ,  $-\alpha\varsigma$ , ou o alongamento de  $\epsilon$  no adjetivo  $\epsilon\acute{\upsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\iota\omicron\varsigma$ ,  $-\omicron\varsigma$ ,  $-\omicron\nu$  para  $\eta\acute{\upsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\iota\omicron\nu$  (v.39), formando ditongo inicial de base longa.

2. Contracções de  $-\epsilon\omicron$  em  $-\epsilon\upsilon$  : no ático, a contracção implica a assimilação completa dos timbres das duas vogais anteriormente em hiato e a sua consequente fusão numa vogal longa, por exemplo  $e+\omicron >$  ou, vogal longa fechada, ou seja, falso ditongo. Ainda assim, no ático mantêm-se alguns hiatos entre  $\epsilon$  e  $\omicron$ , como em  $\nu\acute{\epsilon}\omicron\varsigma$ .

No iónico (e a Este do território dórico) este tipo de contracção implica um tratamento diferente, pois a segunda vogal fecha o seu timbre em  $-\upsilon$ , originando  $-\epsilon\upsilon$ . É o caso de  $\acute{\upsilon}\mu\nu\epsilon\acute{\upsilon}\sigma\iota\nu$ , v.27, forma verbal do verbo  $\acute{\upsilon}\mu\acute{\nu}\epsilon\omega$ , que realiza a contracção de  $\epsilon$  mais o falso ditongo  $-\omicron\upsilon$  em  $-\epsilon\upsilon$ , verdadeiro ditongo (cf. M. Lejeune, *Phonétique historique du mycénien et du grec ancien*, Paris, 1972, §§275-277).

3. Tratamento específico de consoante seguida de F (digama), que na generalidade dos dialectos se resolve pela simples queda do digama e, no iónico, implica o alongamento compensatório da vogal anterior: é disso exemplo o vocábulo  $\kappa\omicron\upsilon\phi\omicron\nu$  (v.45), equivalente ao ático  $\kappa\acute{o}\phi\omicron\varsigma$ ,  $-\omicron\upsilon$ , que possui uma etimologia incerta, mas deverá provir de  $*\kappa\omicron\phi\omicron\varsigma$ ; no dialecto

ático, κόρος advém da simples queda de F; em iónico, dá-se a redução do grupo ρF a ρ com alongamento; (cf com ático; γόνου).

#### 4. Dativos do plural

- O iónico, como alias o lésbico, privilegiou os dativos em -οῖσι e -αῖσι, respectivamente dos temas em -ο e -α, que encontramos em ῥείθροισιν (v.9), μαλακοῖσιν (v.9), ἡλιβᾶτοισι (v.10), κνημοῖσι (v.13), πετάλοισι (v.17), μεγάροισιν (v.35) e πυκνιοῖσιν (v.43), e a que vem juntar-se, nos temas em -α uma outra terminação tipicamente iónica, -ησι, que resulta do cruzamento de uma terminação -αῖς, analógica do instrumental -οῖς, e o locativo -αῖσι (P. Chantraine, *Morphologie*, §57). Deste modo, a forma πέτρησιν (v.10), que possui a forma de dativo mencionada, é um artificialismo completo: trata-se de uma palavra da 1ª declinação, πέτρα, -ας, que na terminação contamina as duas formas de dativo já referidas (cf. P. Chantraine, *Morphologie*, §20, §36).

### C - Aticismos

Encontramos as seguintes formas áticas:

- πίσση em vez de πίσσεα, pois a realização da contracção é própria do ático.

- Γόνου (v.1) – trata-se aqui de um aticismo, pois o F sofreu uma simples queda, sem originar qualquer alongamento. O étimo provém do i.e. \*γονFος, de γίγνομαι, e apresenta-se com alongamento no iónico, γούνος, muito generalizado em Homero: -ου advém da redução do grupo nasal mais dígama, -vF, com alongamento no iónico ou da simples queda de F no ático. O verbo γίγνομαι, cujo sentido originário é “nascer”, rodeou-se de outras novas formas nominais, todas em torno de nascer, nascimento, raça (cf. M. Lejeune, *Phonétique historique*, §159): do grau -o da raíz (cf. grau zero em latim “gnatus”), γον-, γόνος, nome verbal, significa “filho”, “descendente”, “cria” e, por vezes, “esperma”, “semente”. Os femininos em -γονη são raros e tardios (possuímos um exemplo peculiar do nome de uma mulher, Antígona que, etimologicamente significa filha—γονη de uma flor- ἄνθος).

### D - Artificialismo da língua

1. Os chamados genitivos em -οιο (usados na língua de Homero e nas línguas sob a sua influência) provém do i.e. \*-osyo, desinência que evolui para a assimilação do sigma em y, -oyyo, que teve dois tratamentos: num deles, o primeiro y vocaliza-se e o segundo acaba por cair em posição intervocálica -\*oyyo> -\*oiyo> -\*oio; (é o caso de ὄρεσκώοιο, v.43 e σείο,

v.49, genitivo do pronome σύ); no segundo caso, o iode geminado simplifica-se e posteriormente cai, gerando a contracção dos dois oo em -ου (ϕ), vogal longa fechada, \*-oyyo> \*-oyo> \*-oo (cf. P. Chantraine, *Morphologie*, §15 sqq).

2. A oscilação na escrita é muito corrente em textos que acabam por mesclar não só diferentes dialectos, como também possuir características da linguagem oral.

- Oscilação entre a colocação das geminadas e/ou da sibilante simples, em ποσσιν e ποσιν (v.20-23) e entre o alongamento de vogais (οὔρεα v.12) e a ausência de alongamento (ὀρέων, v.7).

- A conjunção de “lugar para onde” com acusativo, escrita de duas formas diferentes: o ático εἰς (v.40) e o iónico ἐς (v.30).

- Proliferação de formas contractas e não contractas, dentro da mesma palavra: αχέει (v.18), do verbo ἀχέω (raro ἠχέω), que significa “fazer barulho”, não apresenta contracção; também a forma de dativo plural μελέεσσιν (v.16), ou os genitivos singulares do adjetivo πολυανθεός (v.17) e do substantivo Ἑρμείο (v.1); a forma verbal 3ª pessoa do plural καλέεσκον e o substantivo τὸ ὄρος, -εος, -ους, que não é declinado de forma contracta, ὀρέων (v.7), οὔρεα (v.12). Pelo contrário, formas como πίση de πίσος, πίεος – πίσους (v.2), apresentam realização da contracção.

- Ἐόν, v.45, acusativo de ἑός. O determinante possessivo de 3ª pessoa do singular ἑός, ἐή, ἑόν é épico e dórico e usado, embora mais raramente, também no iónico. No ático, a forma utilizada é ὄς. Proveniente do i.e. \*sewos, a queda da sibilante inicial deixou vestígios na aspiração; cf. Latim *suus* (Vide M. Lejeune, *Phonétique historique*, §§128-320 e D.B. Monro, *A Grammar of the Homeric Dialect*, Oxford, 1891, §§254-255).

3. Outros usos morfológicos e vocabulares específicos da épica e particularidades métricas

a. Características morfológicas da conjugação verbal: além de algumas já notadas, uma das mais importantes é o uso facultativo do aumento nos tempos secundários do indicativo (imperfeito e aoristo). Esse carácter facultativo tinha óbvias vantagens métricas, como podemos observar nos seguintes exemplos, colhidos no hino:

θάλε, v. 33 = ἔθαλε do verbo θάλλω (florir, crescer)

τέκε, v. 35 = ἔτεκε do verbo τίκτω (dar à luz)

φεύγε, v. 38 = ἔφευγε do verbo φεύγω (fugir)

δεισε, v. 39 = ἔδεισε do verbo δείδω (ter medo, receio)

ἴδεν, v. 39 = εἶδεν do verbo ὀράω (ver)

δειξε, v. 45 = ἔδειξε do verbo δείκνυμι (mostrar)

b. Vocabulário: assinalaremos formas específicas de declinação: as palavras Ζεύς e χεῖρ:

- O dativo de Ζεύς, Ζῆνι (v.44), no lugar da declinação em dental representada por Δίι, Δίι. Do ponto de vista etimológico, as formas parecem depender de uma raiz indo-europeia \*dei-, que significa “brilhar”. O grego parte do grau zero dessa raiz para formar o nome Ζεύς. Raiz que é alargada com um sufixo \*-w, que aparece no nominativo e no acusativo no grau e, -ew-. Deste modo, forma-se o nominativo do singular \*dy-eF-s > Ζεύς com a vocalização de F<sup>19</sup>. O e do sufixo é longo, tendo havido no nominativo abreviamento antes de soante e consoante (Lei de Osthoff). No acusativo, temos a partir do mesmo tema o grau e longo do sufixo: \*dy-eF-n > , com queda de F antes de se ter verificado o abreviamento, que encontramos no nominativo, da vogal longa. No caso de Ζεύς e Ζῆνι, o y do tema passou a iode antes da vogal e do sufixo, formando grupo consonântico com o δ inicial, dando origem ao fonema ζ. Nas formas de grau zero do sufixo, o y conservou a sua qualidade vocálica sem alteração e o iode intervocálico caiu (\*ΔιF-ós> Διός/ \*ΔιF-i> Δίι). Na Ática, adoptar-se-á a junção dos dois temas, formando uma declinação mista: Ζεύς, Ζεῦ, Διά, Διός, Δίι/Δίι (cf. P. Chantraine, *Morphologie*, §99).

- O substantivo χεῖρα (v.40) tem uma flexão pouco clara, que possui na prática dois ou três possíveis temas, χεῖρ- (de χερσ-) e χερ-, tendo o ático generalizado χεῖρ, χεῖρός, com dativo plural χερσί, mantendo-se o sigma da outra possível raiz χερσ- por estar reforçado com o σ da desinência -σι. Segundo M. Lejeune, o ρ formou grupo consonântico com -σ, daí resultando a sua redução a -σ com alongamento compensatório da vogal -ε em -ει, representação da vogal longa fechada (cf. M. Lejeune, *Phonétique historique*, §§119-122). Um tema χερσ- pode ainda inferir-se do eólico χερρ- ou do dórico χηρ- (cf. P. Chantraine, *Morphologie*, §75). De qualquer modo, em Homero é frequente o tema χερ-, talvez retirado do dativo do plural. A ele pertence a forma χεῖρα (v.40) correspondente ao ático χεῖρα (vide P. Chantraine, *Grammaire homérique*, §87).

<sup>19</sup> Muitas vezes, em linguística utiliza-se o sinal “F” (digama) para representar “u consoante” (-w-).

c. O vocabulário homérico, assim com a fonética, constitui um dos aspectos mais visíveis da evocação de uma linguagem deliberadamente arcaica e artificial que remete sobretudo para Homero. Estamos de acordo com F. Càssola quando afirma que “La lingua dell’Inno si puo definire eccentrica, perché esso (...) contiene molti termini rari”, (*Inni omerici*, p.364).

O verso inicial do hino é sintomático, não só pela presença de um genitivo eólico ‘Ερμείω, como pela invocação à Musa, associada ao imperativo - “Ἔννεπε que abre também a Preposição da *Odisseia*. Analisaremos seguidamente esta e outras palavras ou expressões que remetem inequivocamente para Homero.

- “Ἔννεπε: a forma verbal do imperativo presente do verbo ἔννέπω, velho composto \*en-sek<sup>w</sup>o, da raíz \*sek<sup>w</sup>- que significa “dizer”. Por vezes, o verbo é representado sem a consoante geminada: segundo M. Lejeune trata-se de uma característica eólica, de um tratamento evolutivo do grupo -νσ (*Phonétique historique*, §123-§126). O grupo - νσ- intervocálico, com sibilante antiga e débil, evolui: no dialecto lébico e tessálico para -νν-; noutros falares, nomeadamente o falar homérico, de forte base iónica, cai a sibilante fraca com alongamento compensatório da vogal breve precedente. No entanto, \*εἴννεπε não aparece em Homero (podemos fazer aqui o confronto entre o primeiro verso da *Ilíada* e a adaptação inovadora de Lívio Andronico, que traduz o vocativo ἔννεπε pela forma latina “insece”, mantendo a sibilante).

-O advérbio eólico ἄμυδις (v.3) e πολλάκι, a variante poética de πολλάκις (v.12-13), aqui usada sem sigma final.

-O presente ἰλάσκομαι, que significa “ser favorável”, “satisfazer”, apresenta outras formas como ἰλαμαι, v.48, atestada em Homero, com [i] breve. A etimologia é, no entanto, incerta.

-O adjectivo ἦδυμον com um tratamento homérico νήδυμον (v.16), proveniente da queda do F inicial (\*Fήδυμον).

-As expressões ἔνθα καὶ ἔνθα (v.8) e μιγῆναι φιλότητι τινι, que significa “unir-se em amor a alguém” (v.34). Em Homero, não ocorre o termo ἔρος: não se aplica à linguagem amorosa, mas apenas a necessidades físicas como comer e beber.

Não obstante, existem vocábulos mais tardios, notoriamente “postoméricos” (como os designa F. Càssola, *Inni omerici*, p.364) que são raros ou até únicos na linguagem poética grega e que se concentram

sobretudo nos epítetos: ἀγλαέθεις, ἀρχμήεις, etc. Podemos ainda referir que τόθι, utilizado como relativo, v.25, é desconhecido em Homero (segundo F. Càssola, nota 25, p.576).

d. Alongamentos: característicos de Homero são os alongamentos métricos de vogais breves em início de hexâmetro ou de dáctilo, em palavras que, de outro modo, não poderiam ser incluídas, pelo menos, nessa posição. Um caso ilustrativo é o de οὔρεα (v.12) = ὄρεα (át. ὄρη), plural neutro do substantivo ὄρος, -εος (-ους). Em início de hexâmetro, o o breve inicial (vogal fechada) alonga para o longo, representado pelo dígrafo –ou (ditongo espúrio). É claramente uma forma artificial devida a necessidades métricas.

### Conclusões

“La maggioranza dei critici, per motivi linguistici, stilistici, e storici, lo giudica fra i più tardi della raccolta (quinto-quarto secolo; o ... età ellenistica)”<sup>20</sup>.

A linguagem do hino, no geral, é mais moderna do que a de outros, datados de cerca dos séculos VIII-VII. A ausência de formas caracteristicamente arcaicas e a presença de aticismos mais modernos levamos a situar o XIXº hino em meados do século V ático. Segundo Càssola, alguns críticos consideram este hino datado da época helenística, talvez devido às extensas descrições da paisagem, característica que consideram muito pouco homérica ou, de uma forma mais generalizada, muito pouco épica e que faria lembrar o idílio da época helenística. No entanto, deparamo-nos com belíssimas descrições paisagísticas mesmo em Homero (veja-se, por exemplo, o episódio da ilha de Calipso). No fundo, a conclusão que devemos tirar é a de que este hino não se confina ao molde dos textos épicos, trágicos ou helenísticos, e sim que se trata de uma obra única<sup>21</sup>.

A linguagem homérica, quer a da épica quer a dos hinos, demonstra-nos um estádio mais primitivo da língua, muito embora, a maior parte das vezes, sejam características falsamente primitivas, de um arcaísmo forjado, para

20 F. Càssola, *Inni omerici*, p.364.

21 P. Germany, no artigo citado na n.11, chama a atenção para dois especialistas da área: R. Janko, *Homer, Hesiod, and the Hymns: Diachronic Development in Epic Diction*, Cambridge, 1982 e A. Villarrubia, “Una Lectura del Himno Homérico a Pan”, *Habis* 28 (1997) 7-13.



efeitos de estilo. Apresenta, por isso, variantes dialectais e mesmo gráficas, que têm que ver com o seu inerente carácter artificial.

### Bibliografia

Edições, traduções e comentários

F. Càssola, *Inni omerici*, Roma, Mondadori, 1975.

J. Ribeiro Ferreira, *Platão, Fedro*, Lisboa, Edições 70, 1997.

G. Zanetto, *Inni omerici*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2000.

Dicionários e gramáticas

J. S. Bruss, M. Chase et alii, *Brill's New Pauly. Encyclopaedia of the Ancient World*, volume 10, Leiden-Boston, 2007.

P. Chantraine, *Dictionnaire étimologique de la langue grecque*, Paris, Klincksieck, 1968.

P. Chantraine, *Grammaire homérique*, Paris, Klincksieck, 1948.

P. Chantraine, *Morphologie historique du grec*, Paris, Klincksieck, 2002.

J.D. Denniston, *The Greek Particles*, Oxford, Clarendon Press, 1970<sup>2</sup>.

E. Fleury, *Compendio de fonética griega*, Barcelona, Bosch, 1986.

P. Grimal, *Dicionário da mitologia grega e romana*, Lisboa, Difel, 1999.

M. Lejeune, *Phonétique historique du mycénien et du grec ancien*, Klincksieck, 1972.

D.B. Monro, *A Grammar of the Homeric Dialect*, Oxford, Clarendon Press, 1891.

Estudos

W.R. Connor, “Seized by the Nymphs. Nympholepsy and Symbolic Expression in Classical Greece”, *Classical Antiquity*, VII. 2 (1988) 155-189.

R. Germany, “The Figure of Echo In the Homeric Hymn to Pan”, *American Journal of Philology*, 126.2 (2005) 187-208.

N. F. Jones, *Rural Athens under Democracy*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2004.

G. Nagy, “Homer and Plato at the Panathenaia”, in T. Falkner et alii, *Contextualizing Classics, Ideology, Performance, Dialogue*, Oxford, Rowman & Littlefield, 1999, pp. 123-150.

R. Parker, *Athenian Religion, A history*, Oxford, Clarendon Press, 1996.

A. Purvis, *Singular Dedications, founders and inovators of Private Cults in Classical Greece*, New York, Routledge, 2003.

ANA SEIÇA CARVALHO